

# O AMOR NOS TEMPOS DA COVID-19: POR QUE É TÃO DIFÍCIL MANTER O ISOLAMENTO SOCIAL?<sup>1</sup>

*Love in times of Covid-19: Why is it so hard to keep social distancing?*

Hugo Francisco Ramos Nogueira<sup>2</sup>

## **Resumo**

Por que é tão difícil manter o isolamento social? Em virtude da novidade da pandemia, os estudos ainda se encontram em estágio inicial. A direção dos estudos tem sido explorar as possibilidades do atendimento virtual. Dando a impossibilidade como algo óbvio sobre o qual não é necessário se debruçar. Pensamos o contrário, o estudo dos casos em que o atendimento remoto não é possível, pode ser o melhor caminho para explorar o seu alcance. Nossa hipótese é que a dificuldade de manter o isolamento está ligada a um estágio inicial do desenvolvimento do Eu. Nos baseamos na teoria de Didier Anzieu para afirmar que no início do desenvolvimento do eu encontra-se a formação de um Eu-pele, e, por isso, o tato é nosso sentido mais primitivo e fundamental.

**Palavras-chave:** Didier Anzieu, Eu-pele, desenvolvimento do eu, Covid-19, terapia remota.

## **Abstract**

Why is it so hard to keep social distancing? Pandemic related studies are still in an early stage. The current studies are exploring the possibilities of long-distance therapy. The impossibility seems to be something obvious which does not require investigation. We think otherwise, we believe that what hinders the possibility of a long-distance therapy can be the best path to explore its possibilities. Our hypothesis is that social distancing is so hard because it is related to an exceedingly early stage in the ego development. We follow Didier Anzieu's idea that in the beginning a skin-ego is formed, therefore, touch is our most primitive and fundamental sense.

**Keywords:** Didier Anzieu, Skin-Ego, Ego development, Covid-19, long-distance therapy.

---

<sup>1</sup> Texto escrito exclusivamente para o Seminário apresentado no INCERE, Fortaleza, novembro de 2020.

<sup>2</sup> Psicólogo, Mestre em Psicologia, Psicanalista – Formação básica no Corpo Freudiano Fortaleza, Formando no INCERE, Membro do ETW, Membro do LAEpCUS. E-mail: hugofrn@gmail.com.

*Que pode haver de maior ou menor que um toque?*

Walt Whitman

## **Introdução**

O coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2) é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Pensa-se que a nova estirpe tenha sido detectada pelas autoridades apenas poucas semanas após ter emergido. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou o novo coronavírus uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e em 11 de março uma pandemia (Covid-19, 2020). No dia 24, ocorreram as três primeiras mortes causadas pela Covid-19 no Ceará (Óbitos por Covid-19, 2020).

No caso da Covid-19, podemos dizer que um pessimismo informado é mais inspirador do que uma fantasia otimista obtusa. Neste caso, parece que o sentido de realidade está ligado a reconhecer o medo, sem se deixar ser conquistado por ele. O negacionismo dificulta a prevenção.

Neste momento, a distância que enfrentamos não é apenas geográfica, podemos estar perto fisicamente, todavia, estamos distantes uns dos outros. É difícil conversar ou simplesmente estar só na companhia de amigos e família usando máscaras. Encostar cotovelos não substitui abraçar. Fazem falta carinho, calor e cheiro. A necessidade de contato é tanta que pode ser maior do que o medo de contrair uma doença.

Algumas pessoas passaram a fazer como o príncipe Prospero do conto “A máscara vermelha da morte” de Poe (1842/1991) que resolveu dar um baile de máscaras, apesar da peste que dizimava todos que estavam fora do seu castelo. No início, as regras da OMS foram mantidas, porém, o tempo foi deixando todos cansados. As badaladas incômodas do relógio de ébano denunciando a passagem do tempo se tornaram intoleráveis e a preocupação de se tornar vetor de contágio parece ter desaparecido. Vale lembrar que no conto, a morte resolve participar da festa.

Uma diminuição do número de óbitos poderia servir como justificativa para não se preocupar com o vírus. Todavia, este número encontra-se em ascensão. No dia 25 de novembro de 2020, já tinham sido computados 9.530 óbitos causados pela covid-19 no Ceará (Óbitos por Covid-19, 2020).

Um dos maiores, senão o maior, dos desafios impostos pela pandemia do novo coronavírus é manter distância das pessoas, tanto daquelas de quem somos mais próximos, quanto de estranhos. Em razão disso, precisamos reformular completamente nossas vidas, tanto nos aspectos mais pessoais, quanto nos profissionais. As pessoas que viviam isoladas, se encontram em situação de isolamento ainda maior e pessoas que viviam juntas se depararam com nova dinâmica de relacionamento que exige mais convivência.

No campo profissional, psicanalistas estão lidando com o desafio de atender seus clientes à distância, sendo que nem todos se adaptaram a essa forma de terapia. Os próprios analistas podem não se sentir à vontade para atender ou realizar suas análises pessoais dessa forma. Cursos e reuniões foram reformulados para acontecer de forma virtual e o atendimento de grupos ainda se encontra em processo de retomada.

Do ponto de vista do inconsciente, por que o interdito de tocar é tão difícil de manter? Nossa hipótese, baseada em Anzieu (1989), é que o tato é nosso sentido mais primitivo e, portanto, o mais fundamental. Nos tornamos sujeitos a partir da constituição do que Anzieu (1989) chama Eu-pele.

### **A pele que habito**

Anzieu (1989) designa por Eu-pele: “uma representação de que se serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo” (p. 44).

Desta origem epidérmica e proprioceptiva, o Eu herda a dupla possibilidade de estabelecer barreiras (que se tornam mecanismos de defesa psíquicos) e de filtrar as trocas (com o Id, o Superego e o mundo exterior). Para Anzieu é a pulsão de apego que, se precoce e suficientemente satisfeita, dá ao bebê, a base sobre a qual o Eu-pele cria a possibilidade do pensamento (Anzieu, 1989, p. 45).

Anzieu desenvolveu a metáfora do Eu-pele a partir de uma problemática mais geral que ele denominou envelopes psíquicos (Garcia, 2015, p. 58). A pele biológica é o primeiro e o principal dos múltiplos envelopes humanos, o equivalente psíquico do eu (Richards, 1992, p.97).

A pele funciona como receptor e agente de sensações. O tocar é o único dos cinco sentidos externos que possui uma natureza reflexiva: a criança que toca com o dedo as partes de seu corpo experimenta as duas sensações complementares de ser um pedaço de pele que toca, ao mesmo tempo de ser um pedaço de pele que é tocado (Anzieu, 1989, p.68).

A pele forma uma barreira visível essencial entre o eu e o não eu. Uma pessoa pode sobreviver sem o paladar, visão, audição e olfato, mas se houver uma perda muito grande de pele, ela morre (Richards, 1992, p.97).

“Não existe ser humano sem um envelope psíquico virtualmente completo” (Anzieu (1990) citado por Richards, 1992, p. 97). É a “percepção psíquica de um envelopamento corporal [que] permite o sentimento de unidade física no espaço, de coesão [...] como um todo, e isto se dá, justamente, a partir da superfície do corpo” (Garcia, 2015, p.58).

O bebê tem uma representação concreta de um envelope, que lhe é fornecida por aquilo que ele com frequência experiencia sensorialmente, a pele, uma experiência sensorial permeada de fantasias. São essas fantasias cutâneas que vestem o Eu nascente com uma representação, certamente imaginária, mas que mobiliza aquilo que há de mais profundo em nós e que é nossa superfície. O desenvolvimento dos outros sentidos é relacionado à pele, superfície fantasmática ‘originária’, precursora e base do funcionamento psíquico primário (Anzieu, 1989, p. 67).

“Nesse sentido, a formação do Eu-pele é a constituição do Eu como envelope psíquico, cuja matriz é a própria pele” (Garcia, 2015, p.58).

Para Anzieu (1989), toda atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica. O Eu-pele encontra seu apoio sobre as diversas funções da pele. A primeira é ser “a bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno aí armazenados com o aleitamento, os cuidados [e] o banho de palavras” (p. 45).

A segunda é ser “a interface que marca o limite com o de fora e o mantém no exterior, é a barreira que protege da penetração pela cobiça e as agressões vindas dos outros, seres ou objetos” (Anzieu, 1989, p. 45).

A criança adquire um Eu-pele que lhe é próprio de acordo com um processo de dupla interiorização: da interface, que se torna um envelope psíquico continente dos

conteúdos psíquicos e do círculo maternante, que se torna o mundo interior dos pensamentos, das imagens, dos afetos (Anzieu, 1989, p.71).

Para que o Eu-pele funcione de forma eficaz em suas funções, Anzieu (2000) considera a necessidade da existência de um bem-estar de base, que, por sua vez, permite a construção de fronteiras e limites psíquicos estáveis e definidos.

### **A gentileza e o conforto de estranhos**

Utilizaremos para complementar nosso trabalho a reportagem sobre banhos turcos “É estranho dizer que sinto falta dos corpos de estranhos?” escrita por Leslie Jamison (2020).

Leslie descreve sua última visita ao banho turco (hamam) perto de sua casa: os bancos de madeira que absorveram o suor de milhares de estranhos por mais de um século. A solidão unindo estranhos, o jovem tatuado tomando um banho gelado, a idosa incrivelmente magra que parece ter sido bailarina ou viciada em drogas e um russo de cabelos grisalhos.

Ela conta que era uma tarde de inverno, que estava separada há um ano, às vésperas do divórcio, da pandemia e da quarentena. Naquela noite sentiu que seu corpo estava próximo dos corpos de estranhos dos quais nunca conheceria as histórias. Eles não precisavam falar, compartilhavam o calor e a escuridão, protegidos do frio. Compartilhavam os próprios corpos, suando e exalando o mesmo ar pesado que respiravam, a proximidade e o toque casual.

Os corpos derramando, nas suas palavras, lágrimas de dor e alívio. Todos pertencendo a algo juntos, grande, silencioso e com muitas cabeças que sustentava a todos. Naquele momento sentiu que habitava sua pele, que ela é a sua morada.

Leslie conta que começou a encontrar consolo nos banhos turcos há uma década, nos seus primeiros anos de sobriedade. Na ausência do álcool, ela se sentiu atraída pelo prazer silencioso de levar seu corpo até o máximo que ele pudesse suportar. Nos banhos, a temperatura era tão alta que não conseguia pensar em nada além do calor, encontrava alívio na descontinuidade entre suas aflições interiores – um mau relacionamento, uma vida sem a bebida – e a fisicalidade do vapor e do banho gelado.

Podemos dizer utilizando Anzieu (1989), que o banho turco ofereceu a Leslie:

a sensação de um duplo envelope corporal: um envelope térmico (frio e depois quente por causa da vasodilatação periférica reativa ao frio), envelope que comanda a termorregulação interna [e] um envelope tátil [a toalha molhada colada na pele]. Isto [reconstituiu] temporariamente seu Eu como separado dos outros ainda que em continuidade com eles, o que é uma das características topográficas do Eu-pele (p. 128).

O envelope de calor pode delimitar “um território pacífico, com postos fronteiriços permitindo a entrada e a saída de viajantes, dos quais apenas se verifica não terem intenções e armas hostis” (Anzieu, 1989, p. 201).

A oposição do calor e do frio é uma das distinções de base que o Eu-pele permite adquirir e que desempenha um papel notável na adaptação à realidade física, nas oscilações de aproximação e de afastamento, na capacidade de pensar por si próprio (Anzieu, 1989, p. 202).

Em Istambul, onde foi escrever sua reportagem, Leslie quando foi massageada em um hamam sentiu que era uma dinâmica, ao mesmo tempo absurda e estranhamente familiar, até que se deu conta de que a lembrava de como cuidava da sua filha, só que ela tinha se tornado a criança.

“A forma original de comunicação, tanto na realidade e ainda mais intensamente na fantasia é o toque, direta e sem mediação,” (Anzieu (1989) citado por Diamond, 2013, p. 137).

“O toque é o meio de comunicação primário entre a mãe e o bebê” (Diamond, 2013, p. 139). A pele em sua estrutura e função é a base da comunicação pré-verbal. Ela tem a habilidade de reagir a diferentes estímulos, o alfabeto pode ser transformado em

impulsos eletrônicos na pele e ser ensinado a cegos (Anzieu (1989) citado por Diamond, 2013, p. 141).

O bebê experimenta os gestos maternos primeiro como estímulos sensoriais e depois como comunicação. A massagem torna-se uma mensagem (Anzieu (1989) citado por Diamond, 2013, p. 141).

Para que o aparato mental do bebê possa ter o seu próprio envelope precisa passar por um período de indiferenciação do aparato psíquico da mãe para se desligar da simbiose com ela. Esse é o estágio da fantasia de existir uma área comum de pele entre a mãe e o bebê. Os corpos da mãe e do bebê são independentes e estão situados em cada lado dessa área de pele. Os corpos são interdependentes (à fantasia “uma pele para dois” corresponde a fantasia “um pensar para dois”). Duas mentes que se comunicam diretamente através dessa área comum de pele: cada um experimenta os mesmos sentimentos e sensações e é capaz de ler os pensamentos do outro.

“A criança é inicialmente estimulada pela mãe e só então deriva experiências de sua própria pele” (Anzieu (1989) citado por Diamond, 2013, p. 142). “A mãe une as experiências sensoriais a fim de que a criança possa recebê-las de volta de uma forma fácil de digerir” (Diamond, 2013, p. 142).

“O Eu-pele assegura uma função de manutenção do psiquismo, no sentido em que se apoia na interiorização do holding materno, fornecendo a solidez e unidade necessárias ao seu funcionamento” (Linhares & Pinheiro, 2009, p. 308). “Um aparato psíquico eficaz fornece a possibilidade de um bem estar básico, bom o suficiente, constante e certo” (Welldon, 2011, p. 120). “A constituição da unidade psicossomática – [possibilita ao] corpo vir a ser a morada da experiência de si” (Durski & Safra, 2016, p. 108).

Em sua jornada pelos banhos turcos de Istambul, Leslie diz que aprendeu que o prazer é uma maneira de sobreviver, não apenas uma indulgência, em oposição à dor que parece ter monopólio sobre a profundidade, que só através desta é possível adquirir sabedoria.

Para ela, escrever sobre os hamams, semanas antes da quarentena, foi um curso relâmpago dedicado a explorar a textura granular do prazer corporal. Um curso capaz de provar que o prazer tem seus próprios veículos de sentido que podem ser os mais

importantes, justamente quando parecem inapropriados. Sendo que o prazer demanda presença. Ele convida a habitar o corpo de forma mais completa; sem excluir nenhuma parte.

Na fila do supermercado, algumas semanas depois de retornar, admirou o carrinho de uma senhora idosa que tinha apenas biscoitos e cerveja. Ela se deu conta de que ela devia saber muito sobre prazer e resistência, de como um possibilita o outro e de como são inseparáveis.

Para Anzieu (1989), a pele é:

ao mesmo tempo que a boca e, pelo menos, tanto quanto ela [...] um lugar e um meio primário de comunicação com os outros, de estabelecimento de relações significantes; é além disso, uma superfície de inscrição de traços deixados por tais relações (p. 45).

O corpo “não é simplesmente um objeto que existe em um espaço, ele é emissário; através da sua habilidade de tocar, ele comunica algo do eu para algo de outros eus” (Segal, 2009, p. 4).

Leslie pergunta: o que perdemos quando perdemos a possibilidade de viver entre corpos de estranhos? Ela diz que espera que hoje, apesar da distância, ainda consigamos comunicar uns aos outros: “*you deserve to be touched*” (Jamison, 2020). Fazemos nossas as suas palavras.

### **Considerações finais**

Concluindo, é importante dizer que a pandemia traz uma contribuição: estar no mesmo espaço com outra pessoa, por si só, está se tornando cada vez mais importante, porque não podemos mais tomar isso como algo garantido.

### **Referências**

Anzieu, D. (1989). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.



- Anzieu, D. (1990). The Body. In: Anzieu, D., *A Skin for Thought: Interviews with Gilbert Tarrab* (pp. 61-79). Tradução de Daphne Nash Briggs. London: Karnac
- Anzieu, D. (1993). Autistic phenomena and the skin ego. *Psychoanalytic Inquiry*, 13(1), 42–48.
- Anzieu, D. (2000). *O eu-pele*. Tradução de Zakie Yazigi e Rosali Mahfuz. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Covid-19. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/COVID-19>. Acesso em: 29 ago. 2020.
- Diamond, N. (2013). Didier Anzieu and The Skin Ego. In: Diamond, N., *Between Skins: The Body in Psychoanalysis – Contemporary Developments* (pp. 137-146). West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Durski, L. M.; Safra, G. (2016). O Eu-pele: contribuições de Didier Anzieu. *Reverso*, (38)71, 107-114.
- Garcia, M. C. C. C. (2015). Anorexia e bulimia na clínica psicanalítica: um estudo a partir da obra de Didier Anzieu. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Jamison, L. (2020). Is It Strange to Say I Miss the Bodies of Strangers? The New York Times.
- Linhares, M. B. F.; Pinheiro, C. B. (2009). O Eu-pele no Rorschach: A sua expressão em adolescentes toxicodependentes. *Análise Psicológica*, (27)3, 307-318.
- Óbitos por Covid-19. (2020). In: IntegraSUS. Disponível em: <https://indicadores.integrasus.saude.ce.gov.br/indicadores/indicadores-coronavirus/obitos-covid>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- Poe, E. A. (1991). The Mask of the Red Death. In: *The gold-bug and other tales* (pp. 57-61). New York: Dover (Original publicado em 1842).
- Richards, V. (1992). A Skin for Thought & Psychic Envelopes. Book Reviews. *British Journal of Psychotherapy*, (9)1, 95-98.
- Segal, N. (2009). *Consensuality: Didier Anzieu, gender and the sense of touch*. Amsterdam: Rodopi.

Welldon, E. (2011). *Consensuality: Didier Anzieu, Gender and the Sense of Touch* – By Naomi Segal. Book Review. *British Journal of Psychotherapy*, (27)1, 118-124.